



“AS MULHERES VOAM COM SEUS MARIDOS”: RELAÇÕES DE GÊNERO NA DIÁSPORA PALESTINA

Denise Fagundes Jardim ¹

Segundo um provérbio árabe, coletado em trabalho de campo no extremo sul do Brasil, “as mulheres voam com os seus maridos”. A explicação é um comentário sobre a vida familiar, árabe, que recebe as noras na unidade doméstica da parentela do noivo. Em termos práticos, cada casamento de uma filha é também um ritual de despedida da casa dos pais e uma mudança de cidade. Foi através desse provérbio que tive acesso a um comentário nativo sobre os “ir e vir” de esposas da palestina ou de outras cidades para residir na cidade do Chuí, ou vice-versa.

As viagens de parentes já tinham sido percebidos em trabalho de campo, não necessariamente vinculado aos casamentos. Inúmeras vezes, minhas visitas às lojas interrompiam ou se sobrepunham às conversas entre mulheres que mostravam fotos de suas viagens de visita a parentes. Entre as mulheres, o tema não era exatamente de fundo “turístico”, mas o ato de partilhar informações sobre parentes e comentar os reencontros. Os homens, por sua parte, junto aos filhos e filhas, me mostravam as fotos da peregrinação a Meca e aos lugares sagrados do islamismo.

A multilocalidade remete a uma experiência de diáspora palestina². O termo diáspora foi utilizado por inúmeros trabalhos e embora esteja intrinsecamente relacionado à “diáspora judaica”, outros temas (e ativistas) tem se debruçado sobre os deslocamentos forçados³. Resulta que uma experiência “transnacional” pode revelar não só os “efeitos” dos deslocamentos forçados, mas as reelaborações simbólicas que a experiência identitária nos revela e que podem ser extremamente originais ou, deveras relacionadas com as noções de continuidade e resistência que o grupo em questão vem reelaborando sob novas contingências.

Como recupera Silva (2008), os esforços de Hildred Geertz (1979) e que também remetem às reflexões de Goody (1995), há uma imensa dificuldade em produzir totalizações sobre o mundo “oriental” ou islâmico, mesmo que seja através do debate sobre a “família árabe” e as disposições afetivas que a pesquisa antropológica extrai do estudo do parentesco e das relações de gênero. No

¹ Antropóloga, Departamento de antropologia e PPGAS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Esta comunicação é baseada em artigo publicado na revista Horizontes Antropológicos e que sofreu algumas alterações para evidenciar de modo mais central as questões relativas às relações de gênero.

³ Ver em Clifford (1997) um importante balanço sobre o uso conceitual do termo “diáspora”. Minha compreensão é de que o autor questiona a rigidez com que o termo pode ser empregado, mostra que o termo evoca uma noção de retorno a uma origem, local ou simbólica, mas que as experiências históricas que conhecemos remetem a experiências de rediasporizações e de uma transfiguração constante das experiências identitárias, paradoxalmente, ao produzir uma “fidelidade” a sentimentos que remetem a uma identidade primordial.



máximo, as lições sobre família e parentesco encontradas em inúmeros trabalhos propiciam um entendimento inicial sobre a complexidade do debate, refletindo sobre exigências derivadas de “princípios genealógicos” ou “lealdades geracionais e de gênero” – que não são exclusivas do dito “mundo árabe”⁴.

Podemos situar meus interlocutores mais velhos como parte de uma imigração de pós-guerra, relativa à criação do Estado de Israel em 1948. Os conflitos armados e fechamento de fronteiras que observamos desenrolados nas últimas três décadas permitem entender um constante “ir e vir” de familiares que ora precipitam a emigração, para além dos países árabes, ora tem suas viagens de visitas familiares (de volta) limitadas, suspensas, em virtude da impossibilidade e dificuldade de reingresso nos territórios de origem.

A família “espalhada” entre países é algo muito comum entre os imigrantes palestinos e seus filhos. É importante lembrar que fazem tão somente 60 anos da proclamação do Estado de Israel. As reiteradas ocupações e redefinições territoriais que se seguiram com as ocupações de territórios palestinos têm produzido um ir e vir que por vezes precipita à imigração a novos destinos, novos países, e por vezes aponta para períodos, mesmo que breves, de reencontros familiares em território palestino. Todo mapa de parentesco que desenhava junto aos meus interlocutores revelava primos ou tios em países diferentes da América Latina e/ou cidades da Palestina. O mapa era composto de muitos primos conhecidos ou com os quais haviam convivido recentemente, nem todos presentes na cidade do Chuí ou no Brasil.

Entre o “ir e vir”: os casamentos tramados nas redes familiares

Esse “ir e vir” de parentes tinha faces distintas para homens e mulheres, mas traduziam uma enorme cumplicidade geracional entre os jovens, mesmo que sob os cuidados e a tutela de tios e tias. Nesse cenário de experiências familiares multilocalizadas, destaca-se todo um trabalho de revitalização das relações da parentela que tais viagens propiciavam. Parte desse investimento, ou resultado dessas viagens, se traduzia em possibilidades de encontrar cônjuges, exatamente através das festas de casamento realizadas em localidades diversas e que mobilizavam as visitas e a conexão das redes de relações dos patrícios regionalmente e da família em circulação internacional.

⁴ Os estudos sobre parentesco e povos de “origem árabe” são vastos, e por isso parecem imprecisos quando se busca a definição do que seria uma “família árabe”. Referem a uma área vasta do norte da África que foi historicamente conquistada. Portanto, a imprecisão em definir a “família árabe” por parte da literatura não impede que os sujeitos pesquisados a empreguem como um “valor” e tema de reflexão.



Entre os muçulmanos, me dizem os interlocutores, não existe o namoro. Isso significa na prática inúmeras possibilidades do “namoro escondido”, e exige novamente, uma cumplicidade geracional (e uma boa dose de risco). Caberia às mães e mulheres casadas da família, o papel de intermediárias e em conversar sobre o interesse entre jovens para tecer as possibilidades de casar filhos (as) e sobrinhos (as). Assim, além da cumplicidade e interesse geracional por buscar relações entre seus primos, deve-se observar essas outras protagonistas, as mães e tias a quem se delega com confiança a função de encontrar potenciais cônjuges, adequados ao perfil de seus sobrinhos. Isso nos permite entender como esses “voos” das mulheres são viabilizados nessa trama familiar. Embora o relato da imigração seja uma fala pública dos homens, em campo percebi uma intensa troca de informações, fotos e possibilidades de reencontros tecidas pelas mulheres como mães que procuram cônjuges para filhos e filhas ou como tias que participam dessas redes de casamenteiras, planejando novas viagens e deslocamentos familiares. Os filhos, na ausência de uma “mãe árabe” (imigrante, muçulmana) delegam a irmã do pai o gerenciamento e a preocupação de estabelecer contatos entre famílias.

Uma história exemplar: os casamentos presidindo deslocamentos

Em 2006, Samir acabara de tornar-se reconhecido pelos participantes da sala de oração que fica no Clube árabe-palestino da cidade, como o responsável por chamar os homens para a reza da sexta-feira através de equipamento de som colocado na parte exterior do clube árabe. Ele é formado em engenharia e, embora não se veja como uma pessoa inteiramente preparada para ser chamado de Cherk, assume essa responsabilidade como parte de suas obrigações e preocupações com os muçulmanos na localidade.

Ao longo de meu trabalho de campo, nos anos 90, Samir sempre esteve na cidade e se ausentou de lá do Chuí para cursar engenharia na Palestina, onde conheceu sua atual esposa. Casado e agora com um filho pequeno, Samir assume parte das atividades de comerciante empreendidas por seu pai. Todas as suas irmãs puderam estudar e viver na palestina. Assim como ele, viviam na casa da mãe, que reside na Palestina.

Atualmente, as demais irmãs mais velhas estão casadas e vivem na Palestina. Samir, do contrário, trouxe sua esposa para viver no Chuí. Vive em um confortável apartamento no andar superior da loja do pai. Aliás, como outros comerciantes, o andar superior das lojas podem ter um ou mais apartamentos de moradia para a família, viver junta de forma “independente”. Eles se conheceram lá porque, como relata a esposa, suas famílias se conheciam e as tias fizeram toda a



intermediação para que eles viessem a se conhecer. Para vir ao Brasil, ela obteve o visto permanente como brasileira

Há alguns anos atrás (2000) foi através do depoimento do pai de Samir que ouvi pela primeira vez o provérbio de que “as mulheres voam com os maridos”. Na época, conhecia algo sobre as irmãs de Samir e de que tinham se casado e residiam na Palestina. Hoje em dia, fica mais fácil de entender o orgulho de Seu Jamal, pai de Samir, ao apresentar-me sua nora e elogiar a sua capacidade de comunicar-se em inglês (é professora formada) e em português. Certamente, ele também se referia também às demais 5 filhas que estão na palestina e que lá permaneceram acompanhando seus esposos palestinos. Atualmente, é a nora que veio da palestina e quem comprova a veracidade do provérbio empregado⁵. Enfim, ela também fez o seu voo junto ao marido.

É seu Jamal quem me revela que Fátima fora aluna de sua filha nas aulas de inglês e, como refere Fátima, foi através das mães e tias que Samir e Fátima vieram a se conhecer. Em outras palavras, esse “voo” fora viabilizado por inúmeras coincidências e por outros agentes, para além de uma submissão à autoridade paterna, da patrilocalidade ou da realização de uma lógica matrimonial.

Atualmente, o número de alunas da esposa de Samir, Fátima, subiu de 5 (em 2006) para 30 alunas, todas meninas, como explica o esposo. Como me lembram Samir e Fátima, ela não poderia dar aulas para homens (garotos acima de 10 anos). Em entrevistas feitas em separado todos os dois me explicavam que os meninos aos dez anos estão em uma idade de grandes mudanças e passam a ver as mulheres de modo diferente. Também é nessa idade que se deve usar o véu perante essas crianças.

Segundo contam, foram as mães das alunas (residentes no Chuí) que vieram pedir a Fátima para dar as aulas de árabe. Comentavam as moças, suas alunas, que outras meninas tinham ido para a Palestina e não se adaptavam muito bem na escola porque não sabiam falar muito bem o árabe. Acabavam ficando *para trás* nas aulas, ou entrando em turmas que nada tinham a ver com sua idade. As aulas de árabe, como indicavam as meninas, poderiam abrir outras oportunidades, estavam sendo preparadas a uma nova reinserção na vida Palestina e para sair do Chuí.

Aspectos diversos e constantes dessa solidariedade feminina (e geracional) era algo que também Fátima relatava e me surpreendera especialmente em seu relato sobre o pós-parto. Enquanto eu a via como uma “recém-chegada”, com um círculo reduzido de pessoas conhecidas, ela me surpreendia com diferentes aspectos da solidariedade (feminina) que encontrou no Chuí.

⁵ Na minha primeira incursão no trabalho de campo, em 1996, havia uma enorme dificuldade de encontrar uma professora de árabe para as jovens meninas filhas de imigrantes.



Todas as mulheres, esposas de imigrantes vieram visitá-la quando de sua chegada na cidade para saudá-la e desejar-lhe boas vindas. No momento do nascimento de seu filho, conta-me que foi sua sogra quem voltou da Palestina para acompanhá-la. Perguntada sobre como foi o pós-parto e a ajuda que teve, comentou sobre a imensa solidariedade das mulheres no Chuí. Elas entravam em sua casa, faziam café para os visitantes e sorridente me comenta que ela própria não precisou fazer nada mais do que atender o recém nascido.

Como em outras situações de campo, a solidariedade geracional e de gênero aparecem como parte de suas vidas e experiências de gênero que reiteram, em diferentes momentos, uma intensa solidariedade e convívio entre mulheres (e entre homens).

Ingressamos aí na densidade específica deste provérbio. Enquanto ele parece nos informar sobre um resultado comum e reitera a patrilocalidade, não nos deixa entrever outros pontos de vista da experiência dos deslocamentos e o modo como são organizados através das relações de gênero. Nela, a “solidariedade feminina” é central como experiência de gênero.

As relações de gênero em diferentes pontos de vista:

O fala proverbial de que “as mulheres voam com os maridos” evoca alguns dos elementos que organizam a imigração e revelam aspectos das relações de gênero. Esta é uma arena dos afetos que nos revela seus custos práticos e afetivos e nos permitem inspecionar o comentário à luz das experiências diretas do trabalho de campo sobre as relações de gênero e a imigração, bem como revisitar as interpretações orientalistas que são manejadas sobre as mulheres muçulmanas⁶.

Como mostra Abu-Lughod (2002), os estudos centrados em um novo feminismo colonialista enfatizam a necessidade de “salvar” as mulheres muçulmanas e entre as obsessões coloniais despontam o tema do uso do véu como signo da dominação masculina. A crítica orientalista de Abu-Lughod sugere que as situações estudadas (referindo diretamente ao Afeganistão), deveriam levar em conta os debates travados na sociedade em questão sobre o mundo feminino como produtos de histórias diferenciadas e de desejos estruturados de modo diferente. Não se trata de um “respeito” puro e simples sobre a lógica do outro, mas o reconhecimento de uma trajetória de debates sobre igualdade e seus significados simbólicos como produtos de debates históricos.

Lila Abu-Lughod (2002) recorda os estudos de Leila Ahmed, e o fato de que não é razoável acreditar que os debates sobre emancipação ou escolarização feminina sejam um tema à parte dos

⁶ Dayan-Herzbrun (1995) refere a singularidade das mulheres palestinas no mundo árabe como um símbolo da resistência nacional. Parte dessa retórica política que a autora detecta está calcada nos claros sinais evocados pelas mulheres para se diferenciar de outras muçulmanas.



debates e da perspectiva feminista de movimentos de mulheres muçulmanas em seus países. Nos lembra que a questão da mulher alimenta contendas ideológicas na atualidade, em especial porque remetem a exigência de que as mulheres ocupem o lugar da autenticidade e sejam símbolos de resistência à influência estrangeira. São as mulheres que acabam despontando como potentes símbolos nacionais, disputadas como sinal da manutenção e da fidelidade às tradições da nação.

As autoras nos mostram que o debate sobre os valores modernos do matrimônio não são alheios às experiências contemporâneas de mulheres e homens nos países árabes. As autoras nos chamam a atenção para um debate que transborda a esfera dos afetos, passando pela veiculação em novelas televisivas, debates de revistas femininas de grande alcance popular e que concorrem com as considerações religiosas reeditando concepções novas e complementares a debates religiosos.

Desta perspectiva crítica, destaco a contribuição de Mervat Hatem (2002) quando analisa a biografia da poeta A'isha Taymur e nos chama a atenção sobre a necessidade de descentra-se das “narrativas masculinas dominantes”⁷. As propostas de Mervat Hatem reiteram a necessidade de deslocar o ponto de vista para o protagonismo de outros sujeitos ampliando a compreensão das relações de gênero para além da relação marital ou da relação pai-filha. Normalmente, as interpretações sobre os protagonismos das mulheres muçulmanas estão relacionadas às restrições que imputamos a submissão do “outro” e a lógicas presididas por esquemas estruturais da dominação masculina. O provérbio que dá título a essa comunicação, parece sugerir a mesma ênfase e a necessidade de uma leitura cuidadosa.

Leituras possíveis do provérbio:

Poderíamos realçar o protagonismo feminino no percurso imigratório através dessa fala proverbial? Note-se que ali o protagonismo das mulheres aparece à primeira vista subsumido ou “complementar” a aquilo que propõem os maridos. Mas me permitam retomar o provérbio como uma “pista” explicativa mais sobre como a parentela tem se mantido em diáspora, e não algo emblemático ou “estrutural”, “próprio” da cultura árabe. É, ao meu ver, um comentário sobre a perpetuação da imigração entre “suas” experiências comuns. Todavia, não poderíamos estender daí que o provérbio traduz tudo sobre as relações de gênero e, ainda mais, tudo sobre as relações maritais e sobre as expectativas entre os sexos.

⁷ A este respeito ver entrevista de François Héritier (2004) a cerca da leitura de Bourdieu sobre dominação masculina.



A sugestão é de que há que se considerar as “situações” e “contextos” de enunciação⁸. Portanto, estamos falando em termos de disposições, em diversas escalas, que cooperam para a compreensão do provérbio (ou de sua realização) e da própria possibilidade de manter-se a parentela em deslocamento.

No contexto de campo, percebia os acertos matrimoniais não exatamente como um comentário sobre a submissão feminina, mas como algo pensado pelas mulheres (mães e filhas) como parte de um debate delicado sobre possibilidades emancipatórias, ora valorizado como a própria emancipação da filha, ora colocando o matrimônio como parte de um caminho de sucessos femininos que englobaria também o sucesso escolar e a formação acadêmica.

Em geral, o que aparecia, entre mães, e nas conversas entre mulheres, era uma valorização das mulheres pelo capital cultural alcançado pela noiva e por sua família. Eram mostradas as jóias presenteadas para a noiva, que traduziriam a importância que adquiriria na nova parentela (na família do noivo). Os elementos apresentados materialmente pareciam atribuir uma mesma relevância a titulação acadêmica da noiva e suas qualidades morais descritas também como habilidades ou “preparo”.

Flanquart (1999) e Belhadj (2000) referem à experiência de alta escolarização de mulheres imigrantes argelinas na França. Sugerem que aquilo que poderia ser apontado como um caminho para a emancipação, através da alta escolarização, pode estar sendo vivenciado como um novo desafio e tensões entre os projetos familiares e a realização de projetos pessoais. Tal caminho pode significar uma “escolha” pelo celibato.

No sul do Brasil, as viagens poderiam significar uma interrupção abrupta do percurso escolar posto que compatibilizar sistemas educacionais, validar diplomas ou dar prosseguimento local à escolarização significava ingressar em mais uma arena de validação de papéis. O que está em jogo não são somente vontades individuais, mas a capacidade de poder levar a cabo a continuidade da escolarização e demonstrar a compatibilidade entre os projetos familiares e os projetos individuais. Destaco, assim, as maneiras de manejar e impor vontades nesse jogo familiar – e das relações de gênero – que contempla inúmeras vezes.

De um lado, percebo um enorme empenho de algumas amigas, de novo a solidariedade feminina - para convencer a sua amiga de que a viagem a Palestina poderia ser tão interessante quanto a eleição da sua candidatura como vereadora, colocando as decisões em um mesmo patamar.

⁸ Dayan-Herzbrun (1995) nos oferece um debate sobre as imagens da mulher e o nacionalismo palestino. Minhas interlocutoras realçavam a singularidade das palestinas em relação às imagens veiculadas sobre mulheres muçulmanas e submissão feminina.



As amigas avaliam a escassez de “bons candidatos” no mercado matrimonial conhecido, ou na “mesma faixa etária” da noiva, que na avaliação das amigas, a moça esperara demais para casar. Outras situações revelavam que a família tinha como preocupação não frustrar o investimento profissional e individual realizado por seus filhos, evidenciando a autoridade e hierarquia entre gerações.

Essas situações e contexto nos permitem falar em “disposições” culturais e não exatamente em uma cultura muçulmana ou mesmo uma coerência entre o que é vivido no contexto do Chuí com aquilo que as mulheres conheciam na Palestina ou com o que conhecemos e podemos discorrer sobre “as mulheres muçulmanas”.

No contexto observado, duas solidariedades pareciam competir e atravessar as decisões familiares. Uma solidariedade geracional – entre primos, entre mulheres, entre homens – reforçava a voz dos solteiros perante a autoridade da geração mais velha (também solidária em empreender destinos aos jovens. Uma outra solidariedade entre “tios” (de um outro ponto de vista, trata-se também de uma solidariedade de primos, revitalizada em uma mesma geração) mostrava-se solidária em acolher as queixas dos sobrinhos e encaminhar moradias temporárias aos mesmos em outras cidades de sua residência. Embora esquemática e quase “estrutural” a explicação permite compreender essas “forças” que organizam as negociações e tensões familiares e que são veiculadas por solidariedades de gênero.

Com essas considerações quero realçar que há inúmeros sentidos encobertos pelo provérbio. O provérbio corrobora um “resultado” específico dos casamentos como se eles fossem resultantes de um princípio estrutural (e masculino). De outra parte, há que se ponderar que não se trata de uma simples realização das imposições de uma geração mais velha a outra mais nova. Em especial, a etnografia acrescentou elementos para evidenciar a habilidade das mulheres em organizar tal circulação de noivas por parte de mães e tias.

As mulheres organizam um amplo circuito matrimonial que tem colocado em movimento a circulação de parentes e ampliado as possibilidades do “ir e vir”. Elas têm alimentado esse circuito de viagens, que visualizamos como transnacional, mas que identificamos como próprio das “famílias espalhadas”. A imigração palestina tem sido agenciada através das famílias “espalhadas”. Isso tem permitido renovar seus deslocamentos, o que aparece em seus esforços por religar e planejar novos encontros da parentela através de quadros já conhecidos em sua experiência familiar (de diáspora), traçando encontros e potenciais casamentos. Em outras palavras, tendem a transformar a ruptura em continuidade, sintetizada no provérbio de que as “mulheres voam com os maridos”.



Creio que o provérbio nos permite conhecer um comentário sobre essa disposição das trocas matrimoniais e pensar sobre como a diáspora palestina é organizada através dos casamentos. De outro, revela um campo mais denso das relações de gênero que não poderiam se reduzir a algo superficial deste comentário, relacionado à vida marital.

Sugiro, a partir da Lila Abu-Lughod e Hatem, que deveríamos pensar sobre os diferentes pontos de vistas das relações de gênero e suas tensões, contemplando as solidariedades e rivalidades na parentela como instâncias em que se formulam possibilidades e se dão contornos às experiências familiares. É sobre essas situações e contextos que as mulheres muçulmanas organizam sua atuação.

Deve-se ter em mente esse sistema de disposições culturais que viabiliza e disponibiliza os sujeitos a novos deslocamentos. Entre eles, primeiro, o interesse dos jovens em ampliar redes de interconhecimento em sua geração. Encontrar sujeitos que compartilham dessa mesma “família espalhada”, aliado ao reconhecimento de similitudes como, por exemplo, a autoridade paterna e materna nas escolhas de suas vidas emocionais e profissionais. A solidariedade geracional disponibiliza os jovens a conhecer outros jovens e reconhecer sua experiência familiar na experiência de outros.

Em segundo lugar, o que o provérbio deixa um pouco opaco, é o papel das mulheres, como mães e tias, em organizar esses “voos”. A fala é proverbial é redutora da dinamicidade das relações de gênero e sua multiplicidade de vozes, é um recurso que “acomoda” e revela um comentário nativo, em um único ponto de vista, que sintetiza uma diversidade de situações de chegada e partida dos parentes. Não é uma falsificação, mas uma redução da conflitualidade presentes no momento das escolhas matrimoniais, inclusive porque o mercado matrimonial é amplo demais, do ponto de vista dos parentes.

Em terceiro lugar, que tais disposições são tratadas ora como uma experiência compartilhada, ora como exemplos bem-sucedidos da vida familiar para os imigrantes. Portanto, invisibiliza-se o não-compartilhado, o casamento “misto”, como uma escolha que terá de ser comprovada em um percurso mais longo perante a parentela “do lado árabe”.

Essa história segue em outras tramas das experiências de gênero que mereceriam maior atenção. É importante reconhecer das relações de gênero como um campo de imposições e afetos, que se desdobram na produção de pessoas. Note-se que as nomeações e sobrenomes árabes seguem sendo delegadas aos filhos em conformidade com a explicitação das linhagens paternas nos nomes próprios para rapazes e também na reorganização dos sobrenomes para as mulheres que casam. Sabemos que as disposições amorosas não se encerram na “vida marital”, são o tema para outros



desdobramentos da vida familiar, nas identidades dos filhos e filhas e nas escolhas dos nomes e sobrenomes.

Sempre é bom lembrar que portar um nome próprio árabe no passaporte, mesmo um passaporte brasileiro, são limitações bastante conhecidas nas aduanas internacionais. Mesmo assim, nesse contexto, os imigrantes seguem nominando seus filhos e filhas a partir de um estoque de nomes próprios que evidenciam a distintividade do sujeito de origem palestina e árabe. O casamento entre patrícios produz filhos aos quais se conferem nomes e formas de nominar, mas fundamentalmente, em todos os casos, delegando para a próxima geração um pequeno enigma a ser decifrado coletivamente, quanto ao significado de seu próprio nome, ou a origem deste.

Bibliografia:

ABU-LUGHOD, Lila. “Do Muslim Women Really Need Saving? Anthropological Reflections on Cultural Relativism and Its Others. In: *American Anthropologist* 104 (3): 783-790., 2002.

ABU-LUGHOD, Lila. “El matrimonio del feminismo y el islamismo en Egipto: el repudio selectivo como dinámica de la política cultural postcolonial”. In: ABU-LUGHOD, Lila (org). *Feminismo y Modernidad en Oriente Próximo*. Madrid, Ed. Cátedra, 2002. (pp.355-394)

AHMED, L. *Woman and gender in Islam: historical roots of a modern debate*. New Haven: Yale University press, 1992.

BELHADJ, Marnia. “Mulheres francesas de origem argelina. Conquista de autonomia e reelaboração dos modelos familiares tradicionais”. IN: *Família e Individualização*. Clarisse E. PEIXOTO; François de SINGLY & Vincenzo CICHELLI. Rio, Editora da FGV, 2000. (pp. 63-78).

COUTIN, Susan Bibler. Citizenship, Activism and the State. Cultural logics of belonging and movement. Transnationalism, naturalization, and U.S. Immigrants politics. In: *American Ethnologist*. 30 (4):508-526., 2003.

DAYAN-HERZBRUN, Sônia. “As mulheres e a construção do sentimento nacional Palestino” In. *Cadernos Pagú* (4), Campinas, 1995. (pp.173-186)

FLANQUART, Hervé. Un désert matrimonial. Le célibat des jeunes femmes d’origine maghrébine en France. In: *Terrain* 33, septembre 1999. (pp.127-144).

FONSECA, C. “Aliados e Rivais na Família”. In: *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre, Ed. da Universidade, UFRGS, 2000.

GEERTZ, Hildred. “The Meaning of Families Ties” . In: Geertz, H et Alli. *Meaning and order in Moroccan Society. Three Essays in Cultural Analysis*. Cambridge University press, 1979.

GOODY, Jack. “De ambos os lados do Mediterrâneo”. In: *Família e Casamento na Europa*. Oeiras, ed. Celta, 1995.



HATEM, Mervat. “las Lágrimas de “A’isha Taymur y la crítica de los discursos modernistas y feministas del Egipto del Siglo XIX.”. In: ABU-LUGHOD, Lila (org). *Feminismo y Modernidad en Oriente Proximo*. Madri, Ed. Cátedra, 2002. (pp. 113- 133).

JARDIM, Denise F. & PETERS, Roberta. Os casamentos árabes: a recriação de tradições entre imigrantes palestinos do Sul do Brasil. In: *Revista Anos 90*. Porto Alegre, vol 12. n. 21-22, jan-dez de 2005.

JARDIM, Denise F. “Estratégias de Imigração em tempos da globalização: os palestinos e suas viagens internacionais”. In: JARDIM, Denise F. (org). *Cartografias da Imigração: Interculturalidade e Políticas Públicas*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2007.

JARDIM, Denise F. “As Mulheres Voam com os maridos: A experiência da Diáspora Palestina e as relações de Gênero”. In: *Revista Horizontes Antropológicos*. UFRGS-IFCH-PPGAS. Ano 15, n. 31 (2009). Porto Alegre, PPGAS, 2009. (pp. 189-218).

PETERS, Roberta. *Imigrantes Palestinos, Famílias Árabes: Um estudo antropológico sobre a recriação da tradição a partir da festa e rituais de casamento*. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, (dissertação de mestrado), 2006.

SAYAD, Abdelmalek. “Les Trois “Ages” de l’Emigración Algerienne en France”. In: *Actes de la Recherche*. N. 17, jun, 1977. (pp.59-79).

SILVA, M. C. DA. *As mulheres, os outros e as mulheres dos outros: feminismo, academia e Islão*. CADERNOS PAGU, N. 30, P. 137-159, JAN/JUN, 2008.

SZTUTMAN, R; NASCIMENTO, S.F. Antropologia de corpos e sexos: entrevista com Françoise Héritier. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, p. 235-266, 2004.